
A Filosofia é um modo racional e crítico de conhecer o mundo

Donizete Soares

Este texto busca esclarecer os termos que compõem a afirmação que lhe serve como título.

▪ **Filosofia**

A filosofia surgiu na Grécia, há mais de 2500 anos. Algumas pessoas, interessadas em falar e tratar as *coisas do mundo* de uma forma diferente daquelas – e ainda hoje tão comuns – que atribuem a forças exteriores ao homem a capacidade de explicá-las, criaram um outro modo de abordagem, inventando termos ou palavras – conceitos – com força suficiente para representar mentalmente as *coisas*, e servir como instrumentos para pensar as relações entre homem e mundo.

É claro que deveria haver – e ainda há – outros modos de compreender as relações homem-mundo, assim como outras formas de fazer essa abordagem. Não há como negar. O que não é possível afirmar, todavia, é qual desses modos foi e é mais ou menos interessante, qual deles expressa ou não o que há de maior esmero, cuidado e rigor da capacidade humana.

O fato é que, em certo momento, por conta do jeito próprio de pensar de algumas pessoas naquele pedaço de mundo, esse modo de conhecer recebeu o nome de *filosofia*. E vingou. E se espalhou.

Daquele espaço e tempo, tipicamente gregos, até os nossos dias, é longa e tensa a sua história – como, aliás, não poderia deixar de ser. Criada por homens economicamente livres – e também livres dos *deuses* e livres dos *governos* – já em seu próprio berço a filosofia encontrou dificuldades e,

sobretudo, oposições. Será esta – ainda é – uma das tantas características desse modo de pensar e do tipo de postura dele decorrente.

Divulgada entre os vizinhos, a filosofia sai da Grécia e ganha um pedaço maior do mundo. Ao se defrontar com outras modalidades de pensamento e postura – como era de se esperar, evidentemente – deu saltos significativos. Ora se impôs, contribuindo para levar mais rapidamente às ruínas o mundo que a fez surgir, ora deixou-se enredar nas malhas do cristianismo, tornando-se a serva de um tipo de conhecimento longitudinal a ela. Há um bom tempo, tem sido usada como instrumental importante na defesa e também no ataque a esse ou aquele modo de pensar e de viver.

Grega, européia e cristã – durante séculos e séculos foi assim que ela se apresentou, se desenrolou e se manteve. Por um longo tempo, existiu somente no espaço que, de um ponto de vista – e somente deste ponto de vista – é o *centro* do mundo. Convém dizer, já que qualquer generalização realmente é descabida, que nem todos os gregos, europeus e cristãos se ocuparam da filosofia; muitos, certamente, dela desconfiaram e a negaram...

Há pouco mais de 500 anos, acompanhando a pose de quem se julga superior porque parte do *centro* em direção à *periferia*, a filosofia chega aos povos da África e das Américas – e certamente a outros rincões. Seu discurso, um tanto quanto misturado a sermões e decretos, justificando reinados celestiais e terrenos, somente é conhecido pela grande maioria das pessoas pela força de seus efeitos contaminados por crenças e preceituários.

Em todos esses anos de história, nunca faltou, porém, quem percebesse a real dimensão do tipo de conhecimento filosófico. Pode-se dizer que em todos os pedaços do mundo em que ela esteve e está presente, serviu e ainda serve como instrumental rigoroso e valioso de compreensão e tomada de postura crítica frente às intensas relações *homem-mundo*.

Contudo, sabemos bem, não é esse homem – *sujeito racional e crítico* – o tipo mais desejável nas sociedades, em particular, do nosso tempo. É grande a verborrêia em torno da democracia, dos direitos, da liberdade; na realidade, boa parte de nós é afeita mesmo ao autoritarismo, à supressão do direito e da liberdade... São poucos os que entre nós conseguem reconhecer e tratar o(s) outro(s), independentemente da visão que se possa ter dele(s). Em geral, relacionar-se com o outro é relacionar-se com a *imagem* que previamente se fez dele, re-atualizada a cada dia.

Embora presente em todo o tecido social, esse tipo de procedimento difundiu-se de maneira efusiva entre *intelectuais*, incluindo aí um significativo número de *pensadores*, gente pretensamente ligada à filosofia. Produtores de teses e pareceres, eloqüentes bibliotecas ambulantes, pesquisadores alinhados às prédicas e editos oficiais permitidos, o que não é raro é encontrá-los por aí proferindo palestras e aulas racionalmente montadas, mas tão desprovidas de crítica que somente conseguem – quando conseguem – o aplauso dos seus iguais. É bom lembrar que não são discursos vazios; ao contrário, expressam evidentes pontos de vista que apenas contemplam, o mais distante quanto possível, as reais condições do sujeito racional e crítico – o que, de fato, e de acordo com os *compromissos* anteriormente por eles assumidos, fazem desse sujeito algo ainda mais indesejável.

Mas é o mundo quem inclui os intelectuais, e não os intelectuais que o definem e o delimitam. Razão, inteligência, capacidade de leitura/escrita/compreensão não são propriedades e atributos de alguns, mas de todo e qualquer ser humano. Como a filosofia é mundana, daí sua grandiosidade e ameaça, o máximo que sempre conseguem seus opositores, devidamente assessorados por seus porta-vozes, é retardar o inevitável: serem desmascarados e perderem o falso e tímido respeito que, eventualmente, alguns ainda poderiam ter por eles.

Foi assim que, no passado, o poder na nascente democracia mostrou sua intransigência ao condenar e assassinar o filósofo. Foi assim com a central católica, quando teve de queimar idéias no papel por absoluta incapacidade de conviver com pensamentos e escritos que não fossem os dela. Foi também assim com os nascidos em berços d'ouro, que foram sucumbidos junto com suas vestes e cetros; até por pensadores tentaram se passar pra se manterem incólumes. O que há de ser desse nosso tempo, em que nos transformamos em fregueses de uns poucos comerciantes que decidem o rumo das economias, das políticas e das sociedades, não temos idéia ainda...

Como qualquer outra forma de conhecimento, o que move a filosofia é o *desafio* – no sentido de provocação. Seu modo de tratar o mundo é, a todo o momento, como que forçado a dizer algo sobre as coisas; ao mesmo tempo, seu jeito de lidar com as coisas do mundo incita e instiga, como que forçando os outros a dizerem algo também.

Diferentemente das outras formas de conhecimento, o que mantém a filosofia é o debate, a discussão acirrada, o confronto, o tête-à-tête, o olho-no-olho, o diálogo. Ações como essas – sobretudo marcadas pela insistência, pela não aceitação das primeiras respostas às perguntas elaboradas, pela busca de entendimento mais profundo das relações entre os homens consigo mesmos, com os outros e com o que está ao seu redor, pela tentativa de compreensão do que nos leva a agir dessa ou daquela maneira – garantem ao pensamento a possibilidade dele não se cristalizar, não se fixar em apenas algumas idéias. Mais que isso: a prática do diálogo leva o pensamento a pensar o pensamento.

Nesta perspectiva, o foco de interesse da filosofia, o objeto sobre o qual ela se debruça é a *cultura*, esse processo contínuo de cultivo humano do humano, que se manifesta nas e das mais diversas formas. Como se dá esse processo e como ele se expressa – é isto o que efetivamente interessa a esse modo de conhecer o mundo.

Para tanto, é do desafio e do debate que a filosofia se serve, na medida em que eles permitem e viabilizam as *problematizações* de temas relativos ao humano. A provocação e o diálogo acalorado, tendo em vista que é justamente a *necessidade* de saídas e/ou encaminhamentos que torna algo problemático, fazem com que os temas humanos sejam contextualizados. Ou seja, identificar quem são os sujeitos envolvidos, compreender o que pretendem e em que/quem se fundamentam, quais são seus limites, suas possibilidades, suas finalidades... tanto leva a filosofia a se apresentar como um modo crítico de abordar o humano, quanto quem problematiza o humano a assumir e a tornar públicos os seus pontos de vista, assim como a postura política que adota em relação a eles e os temas que investiga.

O mito, na antiguidade; a fé, na cristandade; a tradição, na modernidade... são alguns dos tantos problemas que a filosofia encarou e ainda encara – o que significa que eles não foram superados, diluídos, solucionados ou resolvidos. Isto porque, em primeiro lugar, os problemas são elaborações do sujeito a partir daquilo que o inquieta e o incomoda – o que quer dizer que são diferentes os modos como cada um vê e sente o mundo. Segundo, porque as saídas e/ou encaminhamentos para os problemas são *apontamentos* de um ou de alguns sujeitos – o que quer dizer que sempre houve, há e haverá outras e outras possibilidades de abordagem de um mesmo problema.

Ou seja, o que pode parecer um trabalho inútil do sujeito, uma perda de tempo com tanta discussão, já que não há respostas satisfatórias para as perguntas elaboradas, é justamente o que lhe dá a garantia de não ter que apelar a forças exteriores que expliquem as *coisas do mundo*, e, portanto, a real possibilidade dele assumir, de uma vez, que, ele próprio, do seu jeito, contando com a razão, apesar das dificuldades e limitações próprias do humano, tem todas as condições de buscar entender, compreender e interpretar tanto a si mesmo como o mundo.

Já faz um bom tempo que as novas tecnologias, da indústria fabril ao chip, nos instigam. Porém, mais do que propriamente as tecnologias, que evidentemente nos chamam a atenção, o que parece ser mais incômodo e inquietante são os meios de que têm se servido os detentores dessas tecnologias, assim como dos seus fiéis asseclas, *pretensos comunicadores*, para nos fazer acreditar que somos, definitivamente, necessitados delas. Estamos nos referindo às mídias, aos meios de comunicação coletivos – ou como foi chamado por pensadores do nosso tempo, *mass media*, quando afirmaram o papel impositivo dos meios de comunicação sobre a população tratada como *massa*.

Esse *posicionamento* em relação às mídias nos coloca – a maioria nós, tão sujeitos pensantes quanto a minoria – na condição de algo que, por ter perdido a forma, está à disposição para ser manuseada e controlada, em especial por gatunos suficientemente preparados para roubar nossa *consciência*. Ora, não é o caso de negar a existência dos laráprios de plantão, já que nada falta a quem pode pagar – bandidos com e sem colarinho temos aos montes!!! –, mas de considerar o fato de que, por outro lado, não há *santo, inocente e puro*, ou gente tão indefesa a ponto de ser esfoliada e não conseguir fazer nada.

Ou seja, reconhecer a força das mídias sobre a sociedade implica reconhecer também o quanto essa mesma sociedade é simpática com as mídias. Admitir que os meios de comunicação – ou melhor, meios de *informação* – influenciam modos de pensar e de comportar significa admitir também até que ponto boa parte das pessoas, devidamente educadas para não se tornarem *sujeitos indesejáveis*, acabe, por absoluta ignorância, aceitando fazer parte de uma *brincadeira*, um *entretenimento*, um *jogo*, sem dúvida atraente e emocionante, sem se dar conta de que seus promotores e realizadores não têm o menor compromisso com a diversão, a não ser no sentido de *desviar* a sua atenção.

Tanto investimento, publicidade e propaganda envolvendo uma parafernália de equipamentos que funcionam de forma cada vez mais independente do homem, certamente tem a ver com a capacidade do sujeito em atender e satisfazer a necessidades criadas no momento atual do tipo de economia que, consciente ou inconscientemente, todos nós sustentamos. Mas certamente tem a ver também com a promessa de dar sossego, tranqüilidade e paz ao sujeito, exigindo apenas que, para tanto, ele adquira esse e aquele e aquele outro equipamento. E nada mais, a não ser que fique evidente, para todo e qualquer sujeito, a total desnecessidade de sua ação no processo.

São as mídias, então, o nosso problema: o que pensar e como lidar com esse modo *midiático* de cultivar o humano? Assim como o mito, a fé e a tradição desafiaram e continuam desafiando o pensamento racional e crítico da filosofia, em nosso tempo as mídias provocam os que entre nós suspeitam de suas intenções e práticas. Assim como o mito, a fé e a tradição foram e ainda são submetidos ao crivo do debate, as mídias tendem a ser objeto de acaloradas discussões assim que sujeitos como você, eu e outros conseguirmos mais e mais contextualizá-la.

Proponho que comecemos observando o imenso esforço que os meios de informação vêm fazendo há um bom tempo para espalhar e fazer vingar os maiores valores dessa sociedade, de acordo com os princípios que a sustentam – quais sejam: consumir, consumir, consumir...

▪ **Modo ou Jeito ou Tipo ou Caminho**

São muitos os caminhos através dos quais buscamos compreender os outros, a natureza, a sociedade e, sobretudo, a nós mesmos. Nossa vida, aliás, é uma constante busca da verdade sobre o que pensamos e dizemos de nós, sobre o que pensamos e dizemos dos outros, sobre a vida, sobre os relacionamentos que travamos no dia-a-dia...

Cada um desses muitos caminhos tem suas peculiaridades, seus pressupostos, suas teses, suas contradições e seus desdobramentos. Nenhum deles é melhor ou mais importante ou mais sério ou coisa que o valha... Não há caminhos certos e caminhos errados. Há caminhos...

Todavia, percorrer esse ou aquele significa estar de acordo com suas exigências e, evidentemente, com as suas implicações e conseqüências.

A filosofia é um desses caminhos.

▪ **Razão**

A razão é um atributo humano. De todos os animais, somente o homem tem a faculdade de contar, reunir, medir, separar, calcular. Dotado de inteligência e suficientemente capaz de abstrair, generalizar e produzir linguagem articulada, o homem é um animal racional e, portanto, um ser que faz considerações e afirmações e negações e escolhas... e julgamentos.

Desde que atendidas as mínimas condições materiais, o animal humano é um ser que pensa, que compreende e relaciona conceitos. E mais: é um ser capaz de pensar por si próprio, independentemente de qualquer outro ou de outra luz que não a *luz natural*.

O ser humano é um *sujeito* – alguém essencialmente munido dos instrumentos necessários e suficientes para fundamentar as *decisões* que inevitavelmente os sujeitos têm que tomar no decorrer de suas vidas.

Essa luz que irradia, contudo, depende das *intenções* e dos *propósitos* de quem a conduz, de como a manipula e para onde dirige seu foco. Pode o sujeito entender – também dependendo de onde ele se acomoda no tecido social – que não é conveniente que muitas luzes se mantenham acesas, ou que algumas luzes não possam se manter acesas, ou que é justo e necessário que se mantenha acesa toda e qualquer luz... São os *compromissos* que o sujeito vai assumindo durante sua existência que o

fazem ampliar, diminuir ou desalterar o fecho de luz que compõe a peculiaridade do ser humano que ele é.

Convém também lembrar – aliás, é importante frisar – que o contrário de Razão não é Emoção; que a Razão não se opõe aos Sentidos; que Desrazão tem a ver com contra-senso; que Irracional, a rigor, é um termo que como tal não se justifica.

... verdade/falsidade, tristeza/alegria, certo/errado, bem/mal, divino/humano, belo/feio, justo/injusto, bom/mau... – a Razão é tão humana quanto os pares de opostos que, por causa dela, o homem consegue criar.

▪ **Crítica**

Se a *ação* de pensar é uma constante em todo e qualquer ser humano, por outro lado, são vários os *modos* de pensar, dependendo do *tempo* e do *espaço* em que ele vive. Isto porque o ato de pensar – que é sempre uma ação individual – coloca em movimento sistemas complexos, como os sentidos, a memória, a imaginação, a linguagem... além de condicionantes sociais, econômicos, políticos e culturais.

É lidando com essas e outras possíveis variáveis que, desde criança, cada indivíduo vai *construindo* os seus pensamentos. Faz perguntas. Suspeita. Duvida. Nega. Elabora respostas. Acata e defende idéias prontas. Dependendo do meio em que cresce e vive, assim como do nível de suas próprias inquietações, ele tende a reproduzir o pensamento e a fala dos seus iguais ou a adotar outras posturas.

Uma delas tem na *reflexão* o seu ponto de partida. Ou seja, na medida em que o indivíduo *re-vê*, *re-considera*, *re-pensa* o já pensado, o já considerado, o já visto, ele mobiliza aqueles sistemas complexos e os

condicionantes, evidentemente históricos, de tal forma que *transformam* o seu pensamento em *reflexivo* ou *crítico*.

A partir daí, são outras as suas opiniões e posturas. O pensamento crítico faz com que o indivíduo aprofunde a sua visão de mundo, tornando-o cada vez menos condescendente com as explicações prontas e acabadas do senso comum, das religiões ou das ciências. “Como assim? Quem disse o quê? Por que assim e não de outra maneira? Como era antes de ter se tornado assim? Onde vai dar isso? Com que finalidade?” – eis algumas das perguntas possíveis para quem jamais se contenta com as primeiras respostas às suas perguntas.

Convém lembrar que o termo *crítica* tem a ver com julgar e apreciar, que, por sua vez, tem a ver com ponderar, avaliar, emitir parecer sobre idéia ou pensamento, sobre alguém ou acontecimento. Assim, *fazer a crítica* de algo significa construir um discurso racional que não se apóia e nem recorre a argumentos que não se sustentam logicamente – algo bem distante, portanto, dos *achismos* e das *verdades* disponíveis por aí.

Ocorre que apreciações e julgamentos são feitos por indivíduos ou por grupo de indivíduos. Mais: são pareceres elaborados por indivíduos a partir de um ou mais lugares determinados. Mais ainda: são datados e, portanto, conformes aos padrões estabelecidos pelo grupo social no qual estão inseridos.

Vale dizer: ainda que toda e qualquer crítica seja um conjunto de *considerações* possivelmente interessantes e razoáveis, resultado de grande esforço, interesse e capacidade de quem a elaborou, ela é tão somente uma consideração, um ponto de vista. Tanto quanto qualquer outra *verdade*, a crítica também é relativa. Não passa de uma perspectiva.

▪ **Conhecer**

A filosofia nasce da pergunta. Não de qualquer pergunta, mas daquela que brota das tantas inquietações que desassossegam o sujeito. De tão incomodado, inconformado e inquieto, ele não pergunta por perguntar, mas indaga indagando-se, pergunta perguntando-se, investiga investigando-se.

Essas ações do pensamento, certamente movidas pela observação e experimentação, pela capacidade de intuir e de fazer analogias, pelo exercício da reflexão e da contemplação, além dos esforços concentrados em classificar, medir e contar... constituem o conjunto de operações que coloca em movimento o processo de conhecimento. Processo, porque são vários os atores envolvidos: há quem pergunta, há quem responde sem ter o que dizer, há quem responde algo diferente do que foi perguntado, há quem se omite em responder... e há quem efetivamente responde. Processo também porque são várias e diferentes as *circunstâncias* em que perguntas e respostas são formuladas.

O processo de conhecimento, portanto, está essencialmente ligado à idéia de movimento: interação, ação recíproca, trabalho compartilhado, ação em comum. Ou seja: fundamentalmente, a possibilidade do conhecimento tem a ver, com convivência e comunicação – o que, a rigor, somente é possível entre sujeitos que se olham, trocam informações, conversam, enfrentam-se, brincam, debatem...

É *no* e *do* diálogo que nasce o conhecimento. São as *relações dialógicas* – carregadas de tensões, exatamente porque definidas pela horizontalidade das relações – que garantem o processo de conhecimento, movendo-o sempre e não o deixando parar nunca. Conhecer é *nascer junto com* o que se *descobre*, como o que se *desvela*.

Não se trata, enfim, de considerar o conhecimento como uma ação do sujeito voltada para o seu exterior, como se conhecer fosse tão somente conhecer algo e, por isso mesmo, não tivesse nada a ver consigo próprio. Ao

contrário, conhecer é conhecer-se no processo de conhecimento. É autoconhecimento em paralelo ao conhecimento do outro e o que resulta da relação entre ambos.

Abrir-se para perguntas e respostas, sem receio dos seus conseqüentes desdobramentos; optar pela coexistência como condição necessária para constituir-se sujeito disposto e disponível para ações em comum; adotar o diálogo como o meio através do qual se valida e se garante o processo como movimento – são definições que estabelecem não apenas um modo de conhecer a si mesmo e o que está ao seu redor, mas também posturas características de sujeito *autônomo*.

Quando processado de modo racional e crítico – filosoficamente, portanto – o conhecimento exige, por parte do sujeito, um tipo específico de atitude, de postura frente ao mundo, igualmente racional e crítico.

▪ **Mundo**

Não sabemos exatamente desde quando vive esse único representante do gênero humano, que somos cada um de nós. Não sabemos também o que acontece com esse espécime quando, de forma parecida com outros de outros gêneros, ele morre, depois de nascer, crescer e quase sempre se reproduzir. Não temos a menor noção nem do antes e nem do depois de sua vida nesse tempo e nesse espaço.

Mas o sujeito tem todas as condições de pensar tudo o que quiser a seu respeito. Exatamente porque não sabe uma série de coisas deste ser que ele é, tem razões mais que suficientes para por em movimento o processo de conhecimento. E isso ele faz, invariavelmente.

Um tende a aceitar a idéia de que algo, fora do mundo, é seu criador e, portanto, explicador de causas, seguimentos e finalidades. Outro se fia nas histórias contadas pelos seus antepassados e as re-atualiza a cada

momento. Há também aquele que, mesmo sendo rigoroso na compreensão dos fenômenos, elege para si próprio, com a anuência de outros, o papel de explicador de causas, seguimentos e finalidades, saboreando saberes que gostaria muito que fossem eternos, já que, ao menos por algum tempo, fazem dele uma autoridade.

Ocorre que os sabores, assim como os *saberes*, embora sejam agradáveis e prazerosos, de um lado, e eficientes e vantajosos, de outro, são, ambos, limitados e não-duráveis. Limitados, porque apenas aguçam os sentidos por um determinado tempo e, em seguida, acabam, podendo ser substituídos – e, de fato, o são. Não-duráveis, já que são suscetíveis de constantes mudanças e alterações – e, de fato, mudam e sofrem alterações.

Vale dizer: não obstante as ciências ocupem um lugar importante em nosso meio e certamente, em muitos casos, nos sejam benéficas, seus *argumentos* e *soluções* assemelham-se a construções de belos edifícios que, com o passar do tempo, inevitavelmente hão de sofrer reparos, reformas e, não raro, até mesmo a demolição.

Esses e tantos outros caminhos que o sujeito pode seguir rumo ao *saber de si* têm a peculiar característica de se apresentarem como respostas seguras e suficientemente capazes de deixá-lo em situação menos desconfortável frente às tantas indagações possíveis.

A seguir o caminho da filosofia, o sujeito ocupa-se com perguntas. Interessa-lhe também, e muito, entender causas, seguimentos e finalidades. Todavia, mais do que os arranjos ornando armários, mais do que apenas a substituição da capa do livro antigo e mais do que os motivos para a escolha desse ou daquele altar, ao filósofo interessa entender o por quê dos arranjos, dos livros e dos altares, compreender os desdobramentos dessas explicações e interpretar os propósitos e as intenções de quem tanto se esmera em oferecer respostas a toda e qualquer pergunta.

Ou seja: mais do que a fé, a tradição e a ciência, o que põe em movimento o processo de conhecimento filosófico é o entendimento, a compreensão e a interpretação desse sujeito efetivamente capaz de inventar deuses, de criar histórias e de produzir saberes; mais do que os *resultados* ou *produtos* desses empreendimentos intelectuais, verdadeiros atos de inteligência humana, à filosofia interessam os meios, os caminhos, as vias, os *processos* através dos quais foi possível conceber e criar essas ou aquelas respostas.

Isto porque, a filosofia, também ela um verdadeiro ato intelectual humano, é, tanto quanto os outros modos de conhecer, essencialmente mundana, isto é, o mundo, entendido como tudo o que tem a ver com o humano, é o que mais importa e interessa à filosofia.

Mergulhar na mundanidade – eis o que significa dizer que *a filosofia é um modo racional e crítico de conhecer o mundo*.

Sem dúvida, os grandes acontecimentos são objeto de investigação da filosofia, sobretudo porque neles estão envolvidas, de forma intensa, as mais diversas situações humanas; em geral, expressam momentos importantes de passagem, de avanços e retrocessos da nossa história. Mas o dia-a-dia, inegavelmente complexo, interessa também. Ou mais ainda.

As relações desse animal humano, ser pensante, sujeito... quer consigo mesmo, quer com o outro mais próximo, quer com os outros com quem divide espaços, alegrias, tristezas... com quem co-existe; os sonhos e as fantasias, as lutas e as conquistas, os desesperos e as perdas, as descobertas e as frustrações... tão comuns e constantes; os relacionamentos mais íntimos, as lutas políticas, as idéias aparentemente e/ou verdadeiramente mais absurdas, as canções de amor... ações vigorosamente humanas – além de expressarem a complexidade do mundo, são situações que atualizam, a cada segundo, o humano no mundo.

Fincando no chão os pés do sujeito, essas ações e reações tipicamente humanas fazem do mundo o lugar do humano. É o homem o ponto para o

qual convergem as *coisas* do mundo, uma vez que o mundo só tem sentido porque foi e continua sendo criado e sustentado pelo homem.

Enfim, a filosofia, nessa perspectiva, não é um pensamento elevado, superior e transcendente, mas, ao contrário, um modo de pensar imerso no que há de *aparentemente* banal e comum. Ela mergulha no cotidiano, não para explicá-lo de alguma maneira, mas para compreendê-lo racionalmente e interpretá-lo criticamente. O que fazer com essa compreensão e interpretação, e sem apelar a nada que não seja exclusivamente humano, somente pode responder o filósofo, de acordo com o lugar que ele escolheu e continua escolhendo para fazer a sua leitura do mundo.

▪ **Sem ponto final**

Embora o título deste texto seja uma afirmação – há quem prefira declaração ou assertiva ou asseveração, tamanho o peso e a força de uma *afirmação* –, ele não tem ponto final. E não foi por esquecimento. Nem por distração.

Embora o título afirme uma definição de filosofia – o que, por isso mesmo, se entende pôr os limites do seu sentido – o ponto final foi omitido. Não por querer. Mas por necessidade.

O ponto é um sinal que divide, separa, acalma, explica; indica sempre haver algo mais: dois pontos, interrogação, exclamação, reticências... O ponto final, por sua vez, indica muito mais que tudo isso. Ele termina, encerra, fecha a afirmação. Faz o papel de alguém que aparece para dizer com todas as letras: é isso, é isso aí, é isso mesmo... e ponto final.

Assim, quando o que se pretende é explicar o mundo e, portanto, contribuir para acomodar o homem nele, prometendo conforto e consolo – o ponto final é uma exigência. Quando o que se pretende é apresentar-se como uma forma a mais de fazer esse homem buscar na tradição a justificativa de sua

condição no presente, contribuindo para que ele se conforme com as coisas do jeito que elas se mostram – o ponto final é uma conveniência. Quando o que se pretende é referendar respostas não raro apressadas e/ou parciais e tendenciosas, contribuindo para que o homem tenha um motivo ou uma certeza a mais que o leve a se encher de esperanças ou de desespero... – o ponto final é uma impostura.

Como a abordagem filosófica – ao menos do ponto de vista apresentado aqui – não tem essas pretensões, o que ela faz é servir-se da razão e da capacidade crítica do homem em relação ao mundo – criado por ele à sua imagem e semelhança – para entendê-lo, compreendê-lo e interpretá-lo.

Ainda que escarafunche o passado, irrompa o submundo, embrenhe-se no segredo das coisas do mundo, lance dardos como o centauro, decole e voe rasante ou opere a rota da ave de minerva, a filosofia – tal como é definida aqui – oferece uma visão de mundo, um olhar-a-partir-de-um-lugar, um texto, cujos fios, entrelaçados com exclamações, pontos e vírgulas, hífens, aspas, reticências, parênteses, dois pontos e muitas interrogações, formam um tecido essencialmente poroso e, portanto, arejado e ventilado.

Por tudo isso, e na direção contrária de uma vontade sisuda e raivosa de fazer filosofia, o que se propõe aqui é ativar o processo de conhecimento filosófico em toda sua intensidade, incluindo aí dançar e cantar, rir e chorar, brincar e falar sério. Não há ponto final quando fazer filosofia ainda tem a ver com o espanto e admiração... Não há ponto que finalize uma relação quando é justamente o mundano quem entusiasma o humano. Pra mim, não